

Avós em experiências:

a memória cotidiana, o espaço da sala de aula e o fazer pedagógico no ensino de História

Por Isabel Cristina Durli Menin¹ e Eliana Rela

Resumo

Este estudo trata-se de uma experimentação do Ensino da História Local com a produção de fontes, onde se faz uso do blog, uma mídia de comunicação, para o registro escrito das memórias individuais e coletivas presentes no espaço escolar e na comunidade. As escolas caracterizam-se como espaços privilegiados de construção de identidade e memória coletiva. Assim, o objetivo é relatar as experiências obtidas, junto aos avós, por meio de um projeto desenvolvido com as alunas do 2º e 3º Ano do Curso Normal, do Colégio Regina Coeli de Veranópolis. A escolha de um meio digital para o registro dos relatos orais se justifica pelo fato de existir a necessidade de inserir ferramentas tecnológicas nas atividades relacionadas ao Ensino de História e demonstrar o potencial que possuem as fontes produzidas no âmbito privado como fotografias, cartas, objetos pessoais de valor material e imaterial.

Palavras-chave: Memórias, Identidade, Ensino de História, Mídias de Comunicação.

Abstract

This study is a experimentation of the Teaching Local History with the production of sources, that does blog use, a communication media, for the written record of individuals and collective memories presents in the school environment and in the community. The schools are characterized as privileged spaces of construction of identity and collective memory. Then, the goal is to report the obtained experiences, along with grandparents, through a project developed with students from the 2nd and 3rd year of the normal course of the Regina Coeli's College from Veranópolis. The choice of a digital way to record the oral reports is justified from the existing fact of the need to insert technological tools in the activities related to History Teaching. and demonstrate the potential featured by the produced sources in private scope as photographs, letters, personal objects of material and immaterial value.

Keywords: Memories, Identity, History's Teaching, Communication Media

1 E-mail: izadurli86@gmail.com

Avós entre experiências: entre a memória e o blog

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós [...] (FREIRE, 1992, p.33).

O presente artigo busca relatar as experiências obtidas, junto aos avós, por meio de um projeto desenvolvido com as alunas do Curso Normal, do colégio Regina Coeli de Veranópolis, no ano de 2014. O estudo desenvolveu-se sob a perspectiva de entrevistas orais com posterior registro do relato em blog. O ato de recordar passa pela experiência de buscarmos fora de nosso interior às reminiscências de um passado que evoque as lembranças e auxilie a ter uma maior percepção do presente. Estas lembranças podem ser construídas tanto de forma individual, quanto coletiva, sendo o modo de lembrar um fenômeno social e individual.

Dar voz à memória individual é, antes de tudo, dar voz a experiências cotidianas de sujeitos que construíram de forma coletiva a cultura que os cerca e as raízes que compõe a história de um local. Nesse sentido, este estudo considera importante que se traga presente no cotidiano escolar traços das memórias de gerações que fizeram parte da construção enquanto sujeitos históricos e junto a isso, a participação na construção do cotidiano da História Local.

A diversidade dos relatos mescla a riqueza da troca de vivências e a recordação do passado que está incorporado no presente através de lembranças de diversos grupos. Neste sentido, a escola torna-se um espaço de cruzamento de culturas com tensões e conflitos. Não existem práticas pedagógicas desvinculadas das questões culturais de nossa sociedade,

A escola possui a “responsabilidade específica que a distingue de outras instâncias de socialização e lhe confere identidade e relativa autonomia, é a mediação reflexiva daquelas influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações” (CANDAU, 2013, p.15). A observação da realidade de cada cultura, e de cada sociedade, que vê cada sujeito como ser pensante e agente dentro de uma diversidade, é o ponto de partida para encontrar nessa diversidade o que torna as pessoas sujeitos coletivos.

Dar sentido a estas mudanças através da prática pedagógica torna-se um meio de reconstruir as memórias lo-

cais, seja pelos testemunhos orais ou material iconográfico. Assim, neste artigo, dar-se-á vida aos relatos orais coletados dos avós das alunas do Curso Normal do Colégio Regina Coeli, moradores locais e migrantes, que construíram suas trajetórias no município de Veranópolis. Estes relatos, com posterior registro em blog, foram elaborados sob a perspectiva de temáticas, tendo por base as fases de suas vidas, como: Cotidiano e História de Vida; Infância e Juventude; Namoro e Casamento; Educação e Trabalho.

O Projeto nasceu coletivamente, junto às alunas do 2º e 3º anos do Curso Normal, no período de 22 de Junho a 05 de Outubro de 2014. Participaram do projeto 18 alunas, algumas com os avós já falecidos, outras com seus avós residindo em outra localidade. A escolha do tema acontecia de forma coletiva, nas aulas de Didática da História e Geografia. Quinzenalmente, escolhia-se um tema que era transportado ao blog para que seguissem posteriormente os relatos.

A coleta dos relatos aconteceu de duas formas: as alunas que possuíam contato mais próximo com seus avós realizaram a entrevista pessoalmente, numa conversa informal, anotando num caderno o que os avós relatavam sobre os temas abordados. A maior parte das meninas, após as anotações das entrevistas com as avós, transcrevia-se no blog estas memórias procurando manter as palavras usadas por quem as narrou. As alunas que não mantinham contato com seus avós pelo motivo da distância, optaram por duas alternativas: as visitas no final de semana para a realização das entrevistas, e através da mídia social *Facebook*. As alunas perguntavam para suas avós sobre o tema, que escreviam sobre suas memórias, via mensagens 'inbox'. Usamos assim, a teoria de desterritorialização no ciberespaço:

No ciberespaço, o "eu" também torna-se desterritorializado. Ele está cada vez menos ligado a uma localização física, a uma classe social, a um corpo, a um sexo, ou a uma idade. Isso não significa, evidentemente (seria necessário precisar?), que não teremos mais corpo orgânico, sentimentos humanos, nem relações fundadas na vizinhança física, classes ou faixas etárias. Mas devemos compreender, como mostram diversos estudos sobre a subjetividade e a cultura contemporânea, que nossa identidade se ligará diferentemente aos nossos conhecimentos, centros de interesse, competências sociais e linguísticas. (LE MOS E LÉVY, 2010, p.202).

Embora todos os relatos do blog mostraram-se ricos em suas narrativas, os apresentados aqui foram escolhidos sob o critério de atenderem ao quesito de possuírem mais detalhes nas questões relacionadas aos temas escolhidos

para os registros das memórias.

A escolha de um meio digital para o registro dos relatos orais se justifica pelo fato de existir a necessidade de inserir ferramentas tecnológicas nas atividades relacionadas ao Ensino de História.

Portanto,

Se necesita buscar material para las clases en otros ámbitos que no eran los más habituales de La Historia, por ejemplo, en los medios de comunicación, en internet (...). Nessa perspectiva de ação pedagógica, o autor acrescenta a importância de se buscar de maneira permanente la participación activa de los alumnos por medio de producciones tanto escritas como orales, valiéndose de medios más tradicionales y de TIC. (CALDAROLA, 2013, p.27-28)

Assim, como primeira proposta de tema para estes registros orais, escolheram-se temas ligados ao cotidiano e suas histórias de vida. Sob essa orientação, as memórias foram sendo registradas no blog, como os relatos que seguem.

Me chamo A. P. P., e antes de me casar me chamava Anilva Munaretti Padova, nasci em Veranópolis no dia 18 de maio de 1936, cresci e vivi na casa dos meus pais na Avenida Osvaldo Aranha, Palugana, até os 21 anos. Cursei o Jardim da infância até o 5º ano na Escola São José, na atual Soal. Fiz uma prova de admissão para entrar no Ginásio e cursei os 4 anos, depois fui para o internato na Escola de São Carlos de Bento Gonçalves onde fugi do internato no primeiro ano. Depois o seu Mansueto Bernardi fundou o Curso Normal e eu cursei os 3 anos, e me formei. Depois cursei os adicionais na faculdade de Caxias “Comunicação e expressão” em seguida cursei Ed. Física em Porto Alegre. Sempre lecionei os 25 anos na escola estadual Virgínia Bernardi. Casei com 21 anos com Ilírio Pessin. Moramos em Vila Azul durante 25 anos. Depois nos transferimos para a cidade. No Virgínia Bernardi dei aula de Ed. Física e fundei uma banda de meninos e meninas, sendo que foi a primeira banda de meninas na cidade.

É evidente a percepção atualizada sobre questões ligadas ao gênero, mesmo se tratando de uma escola do interior do Estado do Rio Grande do Sul, quadro vinculado a sua formação acadêmica e percepção de mundo, num momento onde as mulheres estavam ligadas aos afazeres do lar.

D. D. S. nasceu em 10 de maio de 1924 em Encantado, Rio Grande do Sul. Veio a Monte Vêneto (hoje Cotiporã) com 4 anos de idade. Trabalhou como bordadeira para

fora e casou com 23 anos com Adolfo Scussel. Foi comerciante no ramo de carnes, bar e supermercado. Teve 9 irmãos (4 mulheres e 5 homens). Dina teve 5 filhos: Dalmo, Lenice, Gustavo, Marta e Fábio. Hoje Dina está com 90 anos e participa ativamente do Clube de Mães e Grupo da Terceira Idade de Cotiporã. É colorada fanática e uma cozinheira e doceira incomparável.

A percepção do presente está ligada ao ato de recordar, isto implica em compreendê-lo, e, a partir desta compreensão, inferir para uma transformação de época. Os caminhos externos também são importantes para acessar a memória estão fora do indivíduo. As lembranças presentes em nossa memória podem ser individuais ou coletivas. “Ao trabalhar essas lembranças coletivas, o indivíduo lapida-se de acordo com sua percepção e consciência particular que, entretanto, também, estão impregnadas pelos valores forjados pelo grupo no qual está inserido.” (BOSCHILIA, 2004, p.76)

Brincávamos eu e minhas irmãs de boneca de milho e de pano, fazíamos casinha e brincava com terra. Na época perto da casa aonde residia tinha um rio onde tomávamos banho. Estudei até 3ª série, porque tinha que trabalhar na lavoura e ajudar na lida da casa. Minha mãe não era muito participativa comigo e com meus oito irmãos, talvez pela criação que teve ou mesmo por falta de tempo. Lembro-me também que brincávamos de roda com os colegas, de esconde-esconde. E passeava na casa de todas elas. Lembro também que tinha uma professora chamada Glória que por inúmeras vezes me colocou de castigo de joelhos no milho ou no grão de feijão. Na juventude apaixonei-me pelo primeiro e último amor da minha vida, eu era italiana ele caboclo, por este motivo meus pais muito severos que eram não me deixavam namorá-lo. Então sempre fui decidida, e aos 17 anos fugi de casa, no início foi difícil, mas depois viram que ele era um bom moço e que os ajudou mais que alguns filhos o aceitaram.

A consciência do pertencimento do eu a um grupo deriva do sentimento de pertencer simultaneamente a vários meios, sendo que essa consciência existe no presente. Assim, as alunas foram orientadas a coletarem de seus avós relatos de vivências pertencentes a essa fase de suas vidas, juventude. Como forma de elucidar o registro dos relatos orais, incentivou-se a inserir fotos que os avós possuíam da época solicitada.

Para Dona Diná, as memórias de sua infância e juventude vão desde costumes herdados de seus pais a amizades do período, associados a objetos que a acompanharam ao longo de sua trajetória:

Estudávamos na Escola Estadual durante a manhã, sendo as professoras vindas de Porto Alegre e Caxias do Sul, além do famoso professor José Mauro de Cotiporã. Tínhamos jogos com bola, como o caçador e o voleibol. Também praticávamos a educação física junto à escola. A tarde trabalhava de bordadeira. Nos domingos íamos à missa e a tarde passeávamos com as amigas, montadas em cavalos, geralmente buscando frutas. Também participava como cantora no Coral da Igreja, cantando nas capelas de Cotiporã em dias de festa. Tenho como lembrança um chapeuzinho de crochê, usado como broche, feito pela grande amiga Assunta Bergamin Farina há mais de 70 anos atrás. Jogávamos também o jogo de tampinhas de garrafa. A vida naquele tempo era bem diferente da de hoje com muita amizade entre as amigas, mas a inveja existia entre algumas pessoas, diz Dina, sobre sua infância e juventude.

Dona Diná, ao evocar suas memórias pessoais, carrega consigo objeto simbólico que traz à lembrança uma amizade da juventude, segundo ela “tenho como lembrança um chapeuzinho de crochê, usada como broche, feito pela grande amiga Assunta Bergamin Farina há mais de 70 anos atrás.” “A conservação de si através do tempo implica a interdição do esquecimento.” (RICOEUR 2007, p.11-12)

FIGURA 1: Diná Scussel e o objeto pessoal de sua juventude.

Fonte: Acervo pessoal publicado no Blog.



FIGURA 2: Chapéu de Crochê conforme relato de

Diná Scussel.

Fonte: Acervo pessoal publicado no Blog.



Os acontecimentos e objetos são eixos temporais que se tornam referência na trajetória de um sujeito. Segundo Candau (2014), eles podem ser comparados a átomos que participam da composição da narrativa identitária de um sujeito, assegurando, assim, a estrutura de sua identidade. As memórias de Diná permitem uma reflexão que parte da relação sentimental de um objeto material, que ficou resguardado no tempo, e ao ser rememorado em suas lembranças trouxe à tona o valor imaterial que este possui para sua vida.

A memória relacionada ao tema Infância e Juventude trouxe depoimentos que demonstram como os acontecimentos da vida de cada sujeito serviram para costurar suas vivências às estruturas sociais de seus espaços temporais.

Da minha infância me lembro vagamente, lembro que ajudava meus pais na roça e fui pra escola por pouco tempo porque o caminho era longe. Lembro de brincar com meus amigos, a Maria, a Irma, o Ego, o Marcos, íamos para escola juntos e voltávamos juntos, brincávamos de passa anel, de pega-pega, de esconde-esconde, pulávamos corda, cantávamos cantigas de roda, subíamos nas árvores.

Esse relato é importante porque, além de se configurar como uma atividade desenvolvida no ensino médio para o Magistério, a lembrança vinda à tona por parte dos avós de suas brincadeiras de infância, significa não somente uma reconstrução da memória, mas também a possibilidade futura de ter em mãos uma metodologia de aplicação junto a seus alunos. Isto implica, munir estas alunas de um conhecimento aplicado na dinâmica em suas aulas de história, para que os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, mediante a identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre eles, suas famílias e as pessoas que trabalham na escola.

Da minha infância não tenho muitas recordações, mas lembro-me que brincava e cuidava dos meus irmãos em quanto meus pais trabalhavam. Nós ficávamos muito contentes quando chegava o natal, pois, era a única data que ganhávamos presente. Não tinha televisão, nem telefone, era apenas rádio à bateria. Com sete anos comecei a estudar, concluí o quarto ano e fui trabalhar. Meu sonho era ser professora, mas meu pai não me deixou estudar. Eu morava no interior, e não tinha muitas escolhas, pois nós só fazíamos o que nossos pais ordenavam. Na adolescência, eu trabalhava toda semana, e no final da semana, eu saía com meus amigos me divertir em festas, fazíamos piqueniques, e comecei a namorar com quinze anos, e nessa época assistíamos jogos de futebol e assim por diante.

As transformações nos hábitos relacionados às brincadeiras de infância e as características dos divertimentos da época nos fazem perceber o quanto se torna mutável o cotidiano que estamos inseridos. Os relatos acima, nos permitem refletir sobre o modo de viver que a modernidade trouxe onde se colocou em ação mecanismos de interconexão social em nível global, alterando desta forma características íntimas e relacionais ligadas ao nosso cotidiano. As memórias de L. G., relatadas através de sua neta, a aluna L. G., mostra o quanto mutável tornaram-se também os hábitos alimentares, o modo de viver e de preparar alimentos com o passar dos tempos,

Para comer a famosa polenta, eles tinham que esmagar o milho com um martelo e como não tinha fogão, penduravam a panela com uma corrente no teto da casa e acendiam fogo embaixo dela para cozinhar. Ela lembra também, que os ovos, eram cozidos nas cinzas do fogo. Luiza trabalhou muito na infância. Tirava areia dos barrancos e ia até o rio para lavar.

“A comunidade é cada vez mais uma memória.” (DERY, 2006, p.169). Pensando em consonância com o autor, reforça-se a importância de um olhar para a reflexão que, através destes relatos junto aos alunos, existe a possibilidade de traçar paralelos das continuidades e transformações que a sociedade está sujeita, bem como as mudanças no modo de conviver, comunicar-se e, até mesmo, traçar metas relacionadas à vida pessoal e profissional. As memórias até aqui referenciadas também sugerem seu uso nas práticas de ensino de história, seja nas séries iniciais ou ao longo de toda a educação básica.

A maioria dos professores era de Porto Alegre. De Veranópolis havia a professora Sueli Farina, e de Monte Vêne-

to (hoje município de Cotiporã) tínhamos o famoso professor José Mauro, que além de ensinar todas as disciplinas, como Português, Matemática, História, Geografia, Desenho e trabalhos manuais, era um excelente músico, atuando na Banda de Música de Cotiporã. Os trabalhos manuais eram diversos, bem como trabalhos com pintura. Não existiam muitos livros, mas comprávamos a “Seleta” do 5º ano. Na maioria das vezes os professores escreviam no quadro negro e nós copiávamos em blocos, passando a limpo em cadernos. O uniforme era de saia azul marinho pregueada. A blusa, o tênis e as meias eram brancas. O aprendizado escolar de bordado foi ensinado pela professora Cenira Velho, de Caxias do Sul, e foi o que possibilitou que mais tarde eu pudesse bordar para outras pessoas, ganhando meu dinheiro.” Diz Dina sobre sua educação e seu trabalho. (D.S.)

Destaca-se neste relato a aplicação dos trabalhos manuais como posterior aplicação para a sua vida doméstica. Fica claro nas memórias de Diná que o ensino possuía um cunho voltado ao lado de desenvolver as habilidades manuais nas meninas, situação semelhante das memórias da avó da aluna J. B, que mesmo sem frequentar a escola, teve as mesmas habilidades desenvolvidas,” minha avó, Santina, também era analfabeta, porém, não sabia escrever nem seu nome. Sempre foi criada para ser dona de casa, onde sua mãe a ensinou a bordar, cozinhar, lavar, passar e todas as funções que exerceu sua vida toda, cuidando muito de todos.”



FIGURA 3: Diná (vestido poá) passeando com as amigas em frente à escola, por volta de 1945.

Fonte: Acervo pessoal publicado no Blog.

As fontes iconográficas trazem em seus detalhes a possibilidade da leitura de transformações e continuidades na paisagem de uma local, nos hábitos dos sujeitos, bem

como a evocação de lembranças de acontecimentos temporais que fizeram parte da construção identitária do indivíduo e do coletivo de uma determinada época.

A partir da análise do conteúdo do blog, que são as vozes silenciadas, buscou-se demonstrar o potencial que possuem as fontes produzidas no âmbito privado como fotografias, cartas, objetos pessoais de valor material e imaterial.

Fontes potenciais para o ensino de História: mudanças e permanências

As fontes históricas são os meios através dos quais os sujeitos buscam reconstruir sua trajetória no tempo e no espaço, elaborando sua memória na ordenação e releitura dos vestígios de suas lembranças, “nos níveis em que o indivíduo se enraíza no social e no coletivo.” (LE GOFF, 2013, p.433).

A memória se constitui um elemento essencial na construção da identidade, seja ela individual ou coletiva, onde sua importância representa “o patrimônio de experiências acumuladas e sempre renovadas a qual a mídia está implicada.” (MARZANO, 2006, p.233).

Sabe-se que a memória pode ser compartilhada, mas não necessariamente experimentada no conjunto. Os sujeitos carregam suas experiências individuais, suas vivências cotidianas, onde reside o verdadeiro peso da memória, e as experiências que são vividas por todos aumentam a memória coletiva.

A memória faz parte da arte da narração, nela está envolvida a identidade do sujeito. Assim, no blog “Memórias compartilhadas, Histórias dos avós”, a utilização da fonte oral transcrita posteriormente em relato escrito teve o intuito de buscar junto aos alunos e seus avós temas que fizeram, e fazem parte das vivências construídas no cotidiano Local. Temas como trabalho, gênero, família e educação foram abordados como forma de analisar as concepções que de mudanças e permanências em suas representatividades sociais construídas ao longo dos anos, como os tempos, e as práticas sociais modificaram o entendimento desses temas, bem como sua abordagem na contemporaneidade.

No blog desenvolvido junto às alunas do curso normal, utilizou-se como fonte primária de pesquisa a história oral, feita pelas alunas a seus avós. A troca de saberes

que se estabeleceu durante as entrevistas foi muito significativa, algumas alunas relataram que pelo fato de existir o projeto e este fazer parte de suas tarefas de aula fez com que a frequência de visita a casa da avó fosse mais assídua. Outras, ainda, expuseram que jamais teria passado por suas ideias conversar com seus avós assuntos relacionados a essa temática.

A partir das narrativas coletadas pelas alunas, surgiram vários subtemas que se tornaram pertinentes na análise, sendo eles: aspectos ligados as mudanças da visão social relacionados as questões de gênero; aspectos ligados a área econômica, social e cultural do contexto que cada sujeito entrevistado encontra-se inserido. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que nele ocupo e que, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que mantenho com outros membros.” (RICOUER, 2007, p.133).

As vivências cotidianas contidas nos relatos servem de subsídios para análise junto aos alunos dos hábitos que permanecem no dia a dia das famílias e na História local. Os avós abordaram memórias de locais e espaços de convivência que ainda hoje são ocupados pelos moradores do município de Veranópolis. Os relatos coletados foram se mostrando riquíssimos em histórias de vida muito diversificadas. Neles analisamos desde avós que tiveram a possibilidade de frequentar a escola até avós que, por falta de condições, não tiveram esta chance. Como o relato dos avós da aluna J. B.

Meus avós moravam na roça. Meu avô era analfabeto, sabia apenas escrever seu nome e fazer contas, nunca frequentou a escola, aprender a escrever seu nome foi a única forma que lhe foi ensinado algo. Sempre trabalhou na colônia, possuía animais e parreirais de uva. Tinha, além disso, um alambique, onde produzia a "graspa do Bépi", como era conhecida por todos. Sempre trabalhou muito, para ajudar a sua família e para, posteriormente, criar seus 9 filhos. Minha avó, Santana, também era analfabeta, porém, não sabia escrever nem seu nome. Sempre foi criada para ser dona de casa, onde sua mãe a ensinou a bordar, cozinhar, lavar, passar e todas as funções que exerceu sua vida toda, cuidando muito de todos.

Dentre os relatos destacamos alguns que são pertinentes a análise junto aos alunos no que se refere aos hábitos diferenciados entre as meninas e meninos na época relatada pelos avós. Os relatos não ficam somente escritos na página do blog, mas ultrapassam as fronteiras do ciberespaço para uma análise junto aos alunos em sala de aula, em cada relato, comparando as permanências e as transforma-

ções nos hábitos cotidianos. O avô da aluna J..P. retrata as memórias de sua vida escolar da seguinte forma: “Eu (Luiz) estudava na Capela São Pedro - Linha 7 de Setembro, não sei ler nem escrever até os dias atuais, estudei até a 2ª série, mas em matemática ensinava até meu professor, o senhor Guerino Cosmo Rigon”. Paralelo a este depoimento, o avô I. P. relata que:

Os meus primeiros três anos de escola foram na escolinha de Vila Azul. Todas as turmas estudavam juntas e a nossa professora era a Dona Guilhermina Sassi, nós a respeitávamos muito, nunca faltei com respeito a ela. (...) Lembro que estudava somente com uma pedra lisa e uma pedrinha branca, então escrevia na pedra lisa com a pedrinha branca, depois eles tinham um pedaço de pano velho, apagavam e continuava escrevendo.

As memórias de A. P. trazem as recordações da infância e as diversas formas de brincar que permearam o cotidiano de uma época:

Minha infância inteira eu vivi na Palugana. Na rua, na calçada de nossa casa, havia uma banca, e quando já era noitinha, os pais da vizinhança sentavam-se lá, para conversar, tomar chimarrão, enquanto cuidavam os filhos brincarem na rua. Tudo era muito calmo, a estrada era de chão e não haviam muitos carros, então podíamos brincar a vontade, além de que éramos um grupo bem grande de crianças. Brincamos muito de Caracol (amarelinha), esconde-esconde, pega-pega, além de que na antiga oficina, duas casas depois da minha, antes era banhado, então e nós entrávamos lá para brincar, para se atolar. E depois que chovia, o banhado enchia e nós podíamos entrar na água. Eu e minha irmã levávamos nossas bonequinhas de porcelana e pegávamos as latas de sardinha que minha mãe ia por fora para fazer de barquinho, passeávamos com as bonecas de barco pelo banhado.

Através destes relatos tem-se a possibilidade de estar desenvolvendo uma metodologia voltada a identificação de transformações e permanências dos costumes das famílias das crianças (pais, avós e bisavós) e nas instituições escolares como: número de filhos, divisão de trabalhos entre sexo e idade, costumes alimentares, vestimentas, tipos de moradia, meios de transporte e comunicação, hábitos de higiene, preservação da saúde, lazer, músicas, danças, lendas, brincadeiras de infância, jogos, os antigos espaços escolares, os materiais didáticos de outros tempos, antigos professores e alunos.

Num primeiro exercício para o estudo pode-se estar analisando os relatos associados a fotografias contidas no

blog, fazendo um exercício de comparação, como:

- 1- O que os relatos trazem de diferenças entre si?
- 2- Quais os aspectos contidos na história dos livros e nos relatos do blog que mais chamaram atenção.
- 3- Estabeleça um paralelo dos modos de viver no presente e na época dos avós que ainda existem no espaço local.
- 4- Quais as brincadeiras que estão no relato que fazem parte da sua infância?
- 5- Compare os hábitos do seu cotidiano com o cotidiano relatado na época dos avós.

Ao colocar o aluno em contato com relatos pessoais

“os estudantes são levados a contemplar o espetáculo da diferença alheia. Conhecer o outro ensina muito sobre nós mesmos. Aprender a história dos outros é entender um pouco sobre o que somos e, sobretudo, acumular experiências diversas.” (PEREIRA; GRAEBIN, 2010, p.172).

Nesse sentido, “a memória virtual se configura como uma presença, ela atualiza a memória viva na interação”. (VIRÍLIO, 2006, p.92). A tecnologia funciona como uma espécie de telescópio do momento e do acontecimento no espaço e no tempo. Ela pode ser denominada também, como uma linguagem de comunicação, onde as interações acontecem de forma coletiva. Consoante a este pensamento, Pierre Levy (1999) fala que estamos criando dentro do ciberespaço um ambiente coletivo para as comunicações, estamos em meio a um espaço englobante, onde os recursos técnicos para o uso de ferramentas digitais estão ao alcance de todos.

O estudo de uma História temática, aliada ao uso de um meio digital, possibilita a compreensão de que a história se dá através de um processo onde é permitido problematizar o presente através de informações vindas da realidade dos alunos, dando a estes a percepção de que são sujeitos que vivem num presente resultante de muitas histórias que se entrelaçaram no tempo, de descontinuidades e permanências, vivificadas pela evocação da memória e de múltiplas identidades.

Os relatos familiares tornam-se importante fonte para uma análise da teia que se tece com o passar do tempo, os entrecruzamentos das relações que se estabelecem nas gerações proporcionam diferentes formas de evocar o passado para uma leitura do presente, uma leitura voltada às continuidades e descontinuidades temporais e espaciais. A memória de cada sujeito se insere na coletividade, dando contornos às construções identitárias que se edificaram na História Local.

O uso do blog como ferramenta metodológica para

o desenvolvimento do projeto proporcionou às alunas, e aos avós que estiveram envolvidos, a possibilidade de terem suas memórias, não somente relatadas a quem faz parte da sucessão geracional, mas também, a oportunidade do registro compartilhado com os demais sujeitos que fazem parte do seu entorno social.

O diálogo pretendido entre o conhecimento acadêmico e o ensino de história é favorecido quando proporciona-se esse aprendizado voltado ao contexto social e às vivências dos agentes que compuseram a história Local. As fotos abaixo deixam claras as marcas que os sujeitos carregam de seus familiares. Tornar possível o contato entre gerações é tornar possível inclusive a compreensão de que pedaços de sua história cotidiana ajudam na composição da História de sua localidade. Esta inserção transpassa o local, inserindo-se num contexto regional e global.

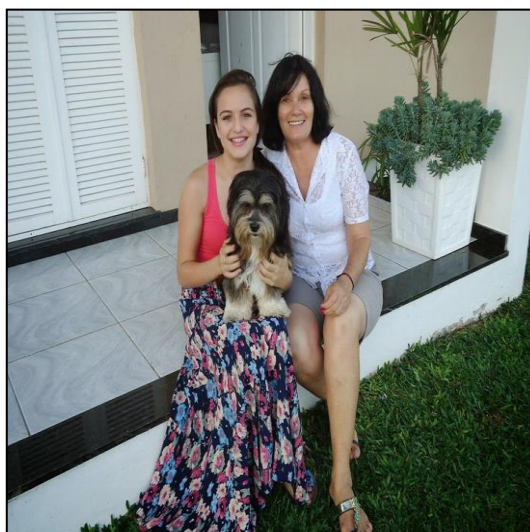
FIGURA 4: Aluna Lizandra com sua avó.

Fonte: Blog “Memórias compartilhadas, Histórias dos avós”.



FIGURA 5: Aluna Paula e sua avó.

Fonte: Blog “Memórias compartilhadas, Histórias dos avós”.



A composição identitária desses sujeitos é marcada pelo entrelaçamento de memórias e vivências, trazendo à tona a dialética da ação-reflexão-ação, onde as diversas identidades que compõe o universo dos alunos são postas em evidência para a análise e reflexão das articulações e representações sociais construídas no local ao qual se inserem.

A comunidade vive da memória comum, e isso é um dado adquirido. As comunicações de massa nos alimentam continuamente de produtos artísticos, culturais, sociais e outros originados do passado. Elas nos propõem novidades desse jeito, mas elas se baseiam na maior parte dos casos sobre esses produtos culturais adquiridos e presos ao passado.” (VATTIMO, 2006, p. 84- 85)

Da mesma forma pode-se afirmar que o cotidiano de um local, principalmente nos costumes de seus habitantes, permanece muito das gerações que antecederam a convivência neste espaço, mesmo inseridos na contemporaneidade. Estes sujeitos acabam por reproduzir o que lhe foi ensinado, herdado, e também traços característicos de quem os gerou. Se isso acontece na memória individual, inevitavelmente ela será compartilhada nas vivências junto ao coletivo, onde as memórias se fundem e os traços identitários vão se moldando.

Num ambiente de aprendizagem, como o da sala de aula, é de suma importância que esses traços sejam fontes de estudo para as aulas de História, pois eles mesclam elementos do passado com as contribuições do presente. Os relatos familiares revelam-se uma fonte riquíssima para a reconstrução do passado, eles contêm detalhes de como um sujeito construiu sua trajetória num determinado contexto social, e como as representações construídas coletivamente foram moldando as memórias individuais e sua identidade.

Os meios digitais, que hoje estão cada vez mais atuantes no espaço social, necessitam também serem inseridos na sala de aula. Aliados às fontes históricas, esses meios auxiliam o professor a desenvolver uma metodologia de aprendizagem que mescla elementos escritos, como documentos históricos, que muitas vezes passam despercebidos aos olhos dos familiares, professores e alunos. A transposição de fontes a um material de mídia incentiva assim, a inserção de práticas educativas que vise desenvolver a comunidade, a família e os alunos, que são agentes de manutenção da memória do espaço local.

Considerações finais

A construção do blog como proposta de prática metodológica aplicada, inicialmente, para as alunas do Curso Normal, estudantes do 2º e 3º anos, do colégio Regina Coeli, dentro da disciplina de Didática da História e Geografia, levou em consideração a importância de se estar introduzindo nesse curso de formação de novos professores, propostas de novas ferramentas de ensino para a exploração de fontes potenciais que possuímos para o ensino da História Local. Trabalhar testemunhos que envolvem as construções representativas de gênero, as de trabalho, família e do cotidiano resultaram numa possibilidade para exploração temática que partiu das vivências dos relatos, o que possibilitou o envolvimento na aprendizagem de forma mais comprometedora, dinâmica e significativa para os sujeitos envolvidos.

A interação do passado e presente, possibilitada pelos relatos coletados, deram voz e dinamismo a muitos personagens, fatos e características da cidade. A construção e a utilização do blog como linguagem de comunicação trouxe à tona desdobramentos temáticos que orientaram as análises: questões de gênero, cotidiano, trabalho, família e educação. Sua construção somou positivamente para o processo de reelaboração de conceitos e na construção de novos olhares possíveis, na reelaboração do conhecimento no ensino de História Local.

A imersão das alunas do curso normal, no universo das mídias de comunicação, aliada a uma metodologia para o ensino de História Local, possibilitou que estas utilizassem na construção a interação pessoal, através da escuta, e a elaboração de uma escrita memorial, como narrativa individual, para compartilhar coletivamente no blog. Esta interação não permitiu somente a exploração da área cognitiva das alunas, mas, através das memórias, a proposta possibilitou a aproximação dos tempos geracionais, a afetividade, instigando essas futuras professoras na percepção da importância em se manter viva histórias e vivências de pessoas que ajudaram a constituí-las enquanto sujeito histórico, conferindo-lhes uma identidade pessoal que se funde com a identidade social de um local. Identidade esta que se reelabora através das memórias, individuais e coletivas.

Os relatos dos avós, registrados no blog, pelas alunas, possibilitou que as práticas se estendessem e as fontes e acervos pessoais, se tornassem objeto de análise, tendo sua inserção no espaço da sala de aula. As entrevistas e os relatos aguçaram nosso olhar para a introdução de práticas metodológicas que levasse em conta a análise de fontes

iconográficas, a fim de que o aluno direcionasse o olhar para a identificação das permanências e discontinuidades que a leitura das mesmas possibilita. Do olhar do aluno nasce uma rede de relações permitida pela leitura que a introdução das diferentes linguagens proporciona em seu universo. As relações construídas possibilitam que o aluno volte seu olhar para a compreensão dos diferentes tempos históricos que se encontram, resultante das raízes que compõem a História Local.

Os meios digitais, aliados às práticas pedagógicas, auxiliam potencialmente o professor para o desenvolvimento de uma metodologia dinâmica de exploração e análise das fontes históricas. Desenvolver possibilidades de aprendizagem, mesclando elementos escritos com o blog, incentivou de forma significativa a inserção de práticas educativas envolvendo comunidade, família e alunos. Salienta-se, neste estudo, a importância de se direcionar o olhar do professor para a importância que representam as fontes familiares, sejam elas em forma de documentos escritos ou transmitidas na oralidade. Delas emergem possibilidades de análise que se tornam potencialmente eficazes na significação da História Local. Muitas vezes estas fontes passam despercebidas pelos professores e familiares, privando o aluno de ter a oportunidade do contato com as mesmas, e até mesmo não tendo a possibilidade de alfabetizar seu olhar para sua leitura.

Assim, possibilitar práticas pedagógicas que contemplem o desenvolvimento do olhar do aluno requer persistência do professor. Sabe-se que o caminho é recheado de altos e baixos. Os meios de comunicação digital ainda estão adentrando no âmbito escolar a passos lentos, portanto, as possibilidades quando apresentadas aos professores, e aos alunos, devem ser orientadas com cautela e sensibilidade. Salienta-se aqui a importância de se estar oferecendo aos professores meios para que estes explorem as fontes existentes sobre a História Local.

Referências Bibliográficas

BOSCHELIA, Roseli. O território escolar como espaço de construção de memórias e identidades. In: DE NIPOTI, Cláudio. PIERONI, Geraldo (org). *Saberes brasileiros: ensaios sobre identidades: séculos XVI a XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CALDAROLA, Gabriel. *Herramientas para en-*

señar historia reciente. 1ºed. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 2013.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CANDAU, Vera Maria. MOREIRA, Flávio Antônio. *Multiculturalismo: diferenças e práticas pedagógicas*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DERY, Marc. Desconstruir a memória comunitária. In: CASALEGNO, Federico. *Memória Cotidiana Comunidades e comunicações na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; PEREIRA, Nilton. Abordagem temática no ensino da história. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel et. al. *Ensino de história: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: Est: Exclamação: ANPUH/RS, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7ed. Campinas, São Paulo: editora Unicamp, 2013.

LE MOS, André. LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARZANO, Stefano. Memória: entre experiência vivida e Genius Loci. In: CASALEGNO, Federico. *Memória Cotidiana Comunidades e comunicações na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

VATTIMO. Gianni. A memória, cofre do ser. In: CASALEGNO, Federico. *Memória Cotidiana Comunidades e comunicações na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

VIRILIO, Paul. O paradoxo da memória do presente na era cibernética. In: CASALEGNO, Federico. *Memória Cotidiana Comunidades e comunicações na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.